



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

## **A HISTÓRIA DO CALÇADÃO DA RUA CARDOSO VIEIRA CONTADA A PARTIR DO ACERVO DA SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE, PB**

Hugo Stefano Monteiro Dantas;

Kainara Lira dos Anjos

Universidade Federal de Pernambuco;

Universidade Federal de Campina Grande

[hugostmd@gmail.com](mailto:hugostmd@gmail.com); [kainaraanjos@gmail.com](mailto:kainaraanjos@gmail.com)

### **Resumo**

O presente artigo é uma expansão de uma das discussões apresentadas no Trabalho de Conclusão de Curso do autor e tem como objetivo de estudo montar uma análise histórica do Calçadão da Rua Cardoso Vieira, localizado no centro histórico de Campina Grande Paraíba, a partir dos projetos urbanísticos catalogados no acervo da Secretaria de Planejamento, Gestão e Transparência da cidade. O acervo reúne o projeto inicial datado de 1972 e assinado pelo arquiteto campinense Renato Azevedo, assim como as reformas posteriores de 1982, que aumenta a extensão do Calçadão e modifica completamente seus elementos projetuais, e a reforma de 1993 que destrói as adições recentes do Calçadão, preservando apenas a porção original devido ao seu valor cultural para a cidade, modificando mais uma vez os elementos projetuais com a nova proposta. Assim, os elementos da proposta inicial do Calçadão são modificados em sua totalidade, ferindo dessa forma, a sua legitimidade espacial. Entretanto, o Calçadão mesmo não apresentando um grau de autenticidade satisfatório ainda é imbuído de grande significado histórico e cultural para a cidade em razão das apropriações ali existentes, sendo um dos espaços públicos mais utilizados pela população no centro da cidade. Além da pesquisa documental produzida no acervo da SEPLAN o presente artigo se baseia nos estudos de Lacerda, Leitão e Queiroz (2010), Carvalho (2017), Queiroz (2009) e Rossi (2010) para a compreensão de como as reformas do Calçadão fazem parte de um contexto maior de reformas urbanas na cidade de Campina Grande, PB. Como justificativa, alega-se a relevância e o ineditismo do tema proposto, somados a urgência do resgate do patrimônio urbano campinense, que urge por uma política pública preservacionista mais atuante na conservação dos seus espaços públicos. A partir dos dados levantados demonstra-se a clara importância que o acervo da SEPLAN possui para o conhecimento e divulgação da memória coletiva urbana.





Palavras-Chave: Calçadão da Rua Cardoso Vieira; Arquivo Municipal; Análise Histórica

### Introdução

O presente artigo possui como objeto de estudo as dinâmicas históricas, urbanísticas e de memória coletiva do Calçadão da Rua Cardoso Vieira, localizado no centro histórico da cidade de Campina Grande, Paraíba (ver Figura 01) a partir dos projetos urbanísticos presentes no Arquivo da Secretaria Municipal de Planejamento da cidade. Tal arquivo começou a ser organizado e catalogado no ano de 2017, revelando importantes projetos urbanísticos que podem servir de importante base para a história não só do Calçadão da Cardoso Vieira, mas de toda a cidade de Campina Grande.

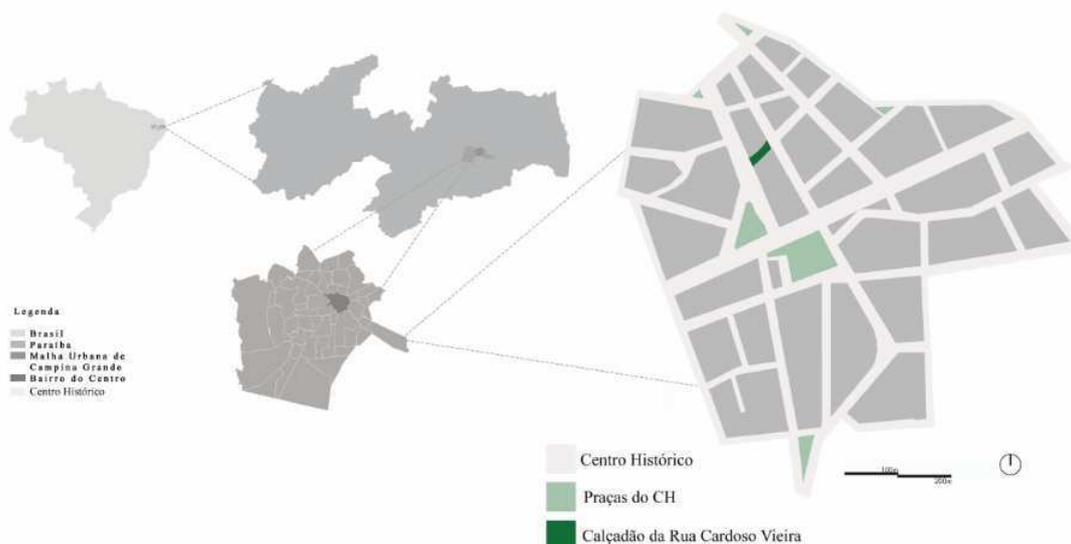


Figura 2 - Mapa de Localização do Calçadão da Cardoso Vieira. Fonte: Produzido pelos autores.

O presente artigo tem como questão norteadora: como se deu o processo histórico do Calçadão da Rua Cardoso Vieira? Quais foram as decisões projetuais que minaram a legitimidade espacial do local? Para tal, será feita análise arquitetônica e urbanística, com enfoque patrimonial, dos processos e dinâmicas referentes ao objeto de estudo, a partir do levantamento de fontes primárias, como os desenhos de projetos urbanísticos, arquivados e catalogados na Secretaria de Planejamento de Campina





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Grande – SEPLAN. Tem como referencial teórico o trabalho feito por Carvalho (2017) e as contribuições de autores como Januzzi (2006) e Lacerda et al (2010) para a compreensão de como as reformas do Calçadão fizeram parte de um ideal maior de embelezamento e higienização da cidade.

Como justificativa, alega-se a relevância da discussão do tema e a urgência do resgate do patrimônio urbano campinense, que tal qual as demais cidades brasileiras, urge por uma política pública preservacionista mais atuante para a conservação da memória coletiva urbana.

#### **Discussão**

A partir da década de 1970, o êxodo rural ganha força no cenário nacional, com a modernização do campo, desencadeando a necessidade da construção de conjuntos habitacionais para abrigar as pessoas que migravam para os centros urbanos. No intuito de resolver essa e outras questões das novas cidades modernas brasileiras, o Governo Federal criou o Serviço Nacional de Habitação e Urbanismo (SERFHAU). O Brasil era então governado pelo presidente General Médici, época em que o chamado “Milagre brasileiro” produziu grandes obras urbanísticas.

Com isso, a infraestrutura urbana das capitais e metrópoles do país foram incrementadas de grandes projetos urbanísticos. Foi em meio a esse contexto que o avanço desenvolvimentista de Campina Grande teve início, seguindo as reformas urbanísticas que a cidade passava desde a década de 1950. O prefeito Luiz Mota Filho, mais conhecido como “Luizito”, foi o responsável por incluir a cidade em tal projeto.

Para articular a cidade com o SERFHAU, foi criada uma comissão denominada Companhia de Desenvolvimento de Campina Grande (COMDECA). A mesma, tinha como objetivo geral planejar a cidade dentro de um sistema regional que funcionasse como área polarizadora da região do planalto da Borborema, considerando sua história e suas perspectivas para o futuro.

Durante esse período, o arquiteto Renato Azevedo (1943-1997), retorna à cidade para trabalhar em diversos projetos de urbanização. O profissional nasceu em Campina Grande, mas foi para Recife/PE estudar arquitetura na Universidade Federal de





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Pernambuco (UFPE). Seu primeiro trabalho foi ainda na administração do prefeito Luiz Motta Filho em 1971 por meio do SERFHAU. Entretanto a sua grande produção ocorreu nos mandatos de Evaldo Cavalcanti Cruz (1973-1977) trabalhando na COMDECA e no mandato de Enivaldo Ribeiro (1977-1983) quando retorna à cidade e assume a coordenação da COMDECA.

#### **O Calçadão**

Ainda em 1972, a COMDECA propõe a construção de um calçadão na área central de Campina Grande (Ver figura 02). Assim, Campina Grande seria uma das primeiras cidades do país a adotar em seu planejamento urbano o calçadão como espaço público democrático. Segundo Dittrich et al (2000) o Calçadão de Curitiba foi o primeiro a ser executado em 1970, tendo algumas cidades feito o mesmo nos anos seguintes.

A construção do calçadão da Flórida, que a Prefeitura deverá iniciar ainda este mês, constitui obra da primordial importância no plano urbanístico da cidade, destinada à recreação das pessoas, numa cidade pobre de lazer como Campina Grande. Contra esta iniciativa louvável do Prefeito Evaldo Cruz, levantaram-se, porém, alguns motoristas de táxis pelo fato de terem ali os seus pontos de estacionamento. Não procede, entretanto, o protesto dos motoristas (...). A Prefeitura é que não deve nem pode submeter-se a exigências de quem quer que seja, quando precise realizar obras de reconhecido interesse público. (CALÇADÃO da Flórida. DB, 09 ago. 1975, editorial apud Carvalho, 2017, pg. 207)

Como pode ser visto na matéria do jornal Diário da Borborema acima, a Rua Cardoso Vieira antes de ser pedestrianizada exercia função de praça de táxi. De acordo com Almeida (2014), o local era ponto de encontro de pessoas antes mesmo de se tornar um calçadão, o que comprova a vocação para o agrupamento de pessoas que este local possui. Segundo Carvalho (2017), o primeiro calçadão foi inaugurado em 1975, três anos após o projeto proposto por Renato Azevedo. Devido as diferentes reformas que aconteceram no local e a falta de registros da época, não se tem nenhum elemento do projeto original ainda presente no Calçadão. Todavia, a planta baixa desenhada por Renato Azevedo traz informações interessantes quanto ao uso de alguns estabelecimentos situados no Calçadão: o Café São Braz, a galeria do Edifício Lucas, e a farmácia que não é especificada no desenho, por exemplo, possuem atualmente, o mesmo uso que possuíam em 1972 (ver figura 02)-





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

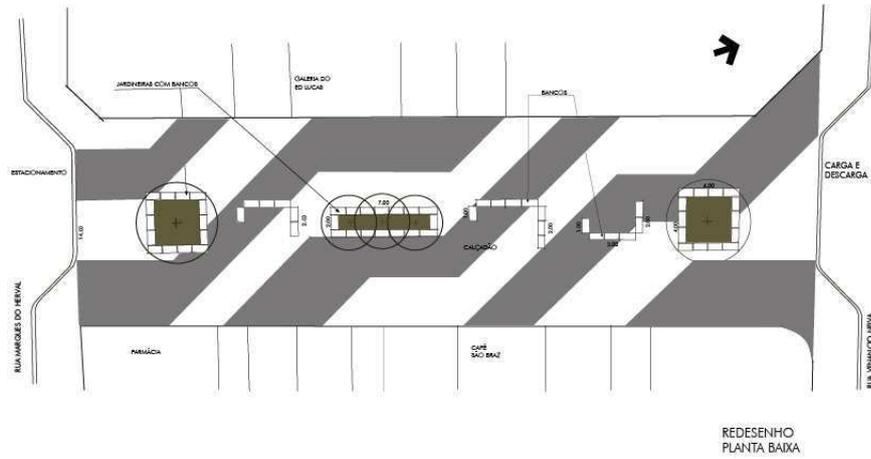
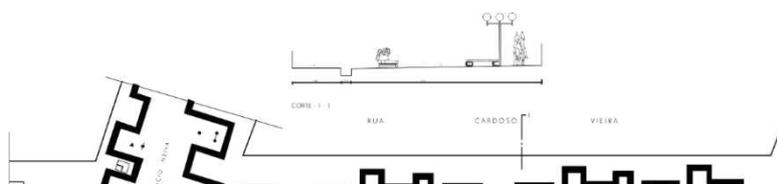


Figura 02 - Redesenho da planta baixa e do corte do projeto para o Calçadão da Cardoso Vieira de 1972 do arquiteto Renato Azevedo. Fonte: SEPLAM, modificado pelos autores;

Segundo Januzzi (2006), a criação de zonas de pedestres em áreas históricas pode desenvolver um novo sentido para o centro das cidades. Muitas ruas de pedestres foram construídas em centros históricos para restaurá-los e revitalizá-los, promovendo seu valor como centro social e melhorando as suas funções. A estrutura da malha urbana, os edifícios, espaços livres e os monumentos contribuem para valorizar as características do local e atuar como um atrativo especial, criando uma imagem própria e dando um sentido único para quem caminha no local.

Na década seguinte a inauguração do Calçadão, mais precisamente em 1982, foram construídos novos calçadões para o centro da cidade, estendendo assim, a porção inicial de 1975 (ver figura 03). A proposta de reforma do Calçadão do ano de 1982 veio a unificar o desenho de toda a nova extensão proposta. O desenho do piso que no projeto da década anterior se utilizava de ângulos de 15° e 30°, na nova proposta passa a trabalhar com ângulos retos, tornando possível, assim, a conexão entre as novas vias englobadas. Novos bancos são propostos, assim como jardineiras (não se teve acesso aos desenhos da caixa de correio, das lixeiras e dos orelhões) que possuem formas simples retangulares, como também se é visto na proposta de 1972. Entretanto na nova proposta, os bancos se afastam das jardineiras, onde cada elemento possui uma função distinta. As jardineiras propostas são menores que as de 1972, para a implantação de pequenos arbustos, enquanto os bancos agora são propostos com suas bases vazadas. Os postes de iluminação permanecem com base circular e três lâmpadas globosas no topo.





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Figura 03 - Redesenho da planta baixa e do corte do projeto para o Calçadão da Cardoso Vieira de 1982. Fonte: SEPLAM, modificado pelos autores;

Todavia, ainda em 1982, o comércio informal passa a tomar conta do local, transformando-o completamente. Essa nova apropriação ia contra o interesse do Clube de Diretores Lojistas de Campina Grande, que diariamente perdia consumidores para o comércio informal. Como consequência, a entidade passou a empinhar-se intensivamente para ter os calçadões livres dos ambulantes, como pode ser percebido no trecho do editorial abaixo.

Providencial invenção dos urbanistas, os famosos calçadões, tão adequadamente aproveitados nos centros maiores do País, encontraram em Campina Grande o inverso das suas finalidades. Se em outros recantos eles se prestam ao ir e vir descontraído, (...), aqui eles espantam o cidadão abastado – aquele de poder aquisitivo mais elevado e acabam por prejudicar a própria atividade comercial. Nossos calçadões Venâncio Neiva, Maciel Pinheiro e Cardoso Vieira viraram feira! E longe estão de parecer Mercado Persa pois a proliferação de mercadores e mercadorias não permite mínima comparação. O que temos hoje, nas ruas centrais da cidade, é uma feira sem ordem, onde, misturam-se camelôs (...) e todo tipo de quinquilharia. Já não existe o “passeio público”, mas a desordem pública”. (...). Pena ainda que tenhamos de conviver com esse tipo de desordem, prejudicando a distinta classe comercial estabelecida nos calçadões e o público que se arrisca a vir ao centro para as suas compras. (CAMINHOS para o camelô. DB, 21 ago. 1987 apud CARVALHO, 2017, pg 227)

Não houve consenso entre a Prefeitura municipal de Campina Grande e os ambulantes que ocupavam os calçadões da cidade. Estes últimos chegaram a ser relocados para a Praça da Bandeira, localizada no entorno do Calçadão. Entretanto, descontentes com a medida, voltaram a ocupar as ruas. Em função disso, e de alguns outros problemas como a impossibilidade de trânsito de viaturas do Corpo de



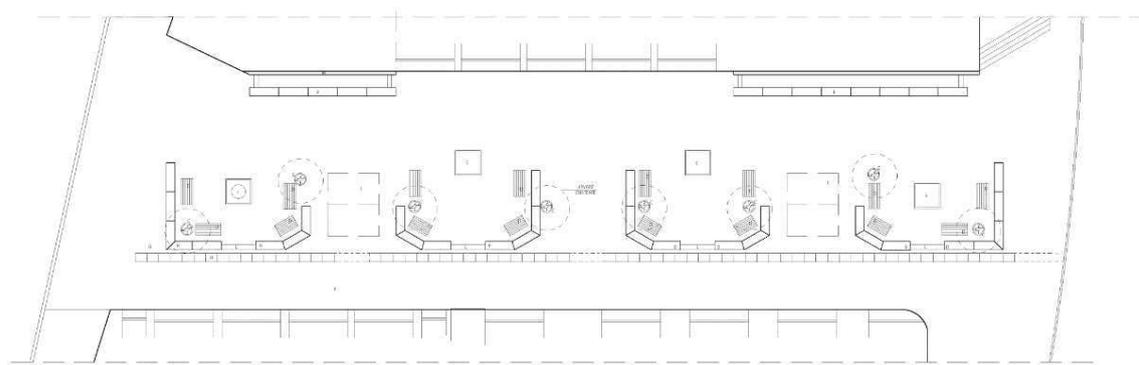


### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

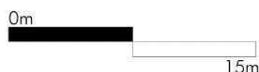
Bombeiros, ora fosse necessária uma incursão de socorro no local, levaram a Prefeitura Municipal a destruir parte dos calçadões do centro. Uma tentativa de diminuir a legitimidade espacial do local, ao destruir possíveis permanências estruturais, como propõem Lacerda, et al (2010). Todavia, a porção original de 1975 do Calçadão da Cardoso Vieira foi preservada, em detrimento ao seu valor para a cidade de Campina Grande:

Ao reafirmar, ontem, a possibilidade de extinção dos calçadões situados nas ruas centrais de Campina Grande, o Secretário Edvan Pereira Leite, (...) garantiu que o mais tradicional deles, que fica na Cardoso Vieira não será demolido, por entender que para aquele setor acorrem as mais expressivas personalidades deste município, cuja finalidade relaciona-se ao debate sobre política e a vida da cidade, de modo geral. Ao fazer esta afirmação quanto à extinção dos calçadões campinenses, o titular de Serviços Urbanos afirmou que isso só acontecerá em caso dos camelôs não seguirem a orientação da Secretaria no que diz respeito à sua reorganização. Caso eles insistam em firmar onde estão fatalmente os calçadões serão demolidos, advertiu Edvan Pereira Leite. O Projeto que prevê a disciplina dos camelôs já está sendo elaborado, pela Secretaria de Serviços Urbanos e de acordo com o que está sendo traçado, todos os camelôs que se encontram instalados nos calçadões centrais da cidade serão removidos (...) (SECRETÁRIO diz que pode haver extinção de calçadões. DB, 06 nov. 1987, Caderno Cidades apud CARVALHO, 2017, p. 229).

Em 1993, no primeiro ano da gestão do então prefeito Félix Araújo Filho, os arquitetos Verônica Costa e Anselmo Dantas propõem um projeto de reforma para o Calçadão, caracterizando assim, a última reforma que aconteceu no local. No âmbito projetual pode-se notar que houveram modificações entre a proposta inicial e a nova proposta de 1993. Os canteiros de vegetação tiveram seu espaço reduzido; novos mobiliários foram colocados em substituição aos originais; o piso encontra-se em pedra portuguesa, sem os desenhos da primeira proposição. O desenho geométrico da segunda proposta também desaparece, na nova proposta os novos elementos são postos em forma de “U”. Grelhas são postas no intuito de escoar a água da chuva. É, também, o



PLANTA BAIXA



#### LEGENDA

- A - PISO EM PEDRA PORTUGUESA
- B - LAJE DE CONCRETO APARENTE SOB BASE DE ALVENARIA
- C - TUBO DE CS Ø 60
- D - BANCOS DE TALUSAS DE MADEIRA COM ESTRUTURA DE FERRO FUNDIDO
- E - FLOREIRAS DE TALUSCA DE MADEIRA COM ESTRUTURA EM CHAPAS DE FERRO
- F - LOCAL PARA LIXEIRAS
- G - LOCAL PARA URBANISMO
- H - GRELHAS EM FERRO FUNDIDO
- I - LOCAL PARA FITEIROS





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Figura 04 - Redesenho da planta baixa e do corte do projeto para o Calçadão da Cardoso Vieira de 1993 dos arquitetos Veronica Costa e Anselmo Dantas. Fonte: SEPLAM, modificado pelos autores;

Figura 04 - Redesenho da planta baixa e do corte do projeto para o Calçadão da Cardoso Vieira de 1993. Fonte: SEPLAM, modificado pelos autores;

A reforma de 1993 é o último testemunho projetual encontrado no Arquivo Municipal da SEPLAM, o que leva a pensar que as demais reformas que o local passou – como por exemplo a retirada das grelhas no ano de 2017 – foram tratadas de forma pontual, sem um projeto arquitetônico. Entretanto, ao se comparar o projeto de 1993 com o desenho urbano indicado por Dantas (2018) pode-se perceber como as duas situações conversam pouco entre si (ver fig 05). Os fiteiros que na planta de reforma de 1993 estavam no meio do espaço do calçadão foram relocados para a parte superior direita do local. Atualmente apenas o fiteiro da *Oi* (empresa de telefonia) nº 6 está disposto de forma livre no meio do calçadão, como indicado na reforma de 1993. As grelhas (nº 10) foram retiradas no fim de 2017 e cimentadas, para dar continuidade ao piso. O número de jardineiras é o mesmo nas duas propostas, mas seus locais de implantação diferem da proposta de 1993 para o desenho atual.





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

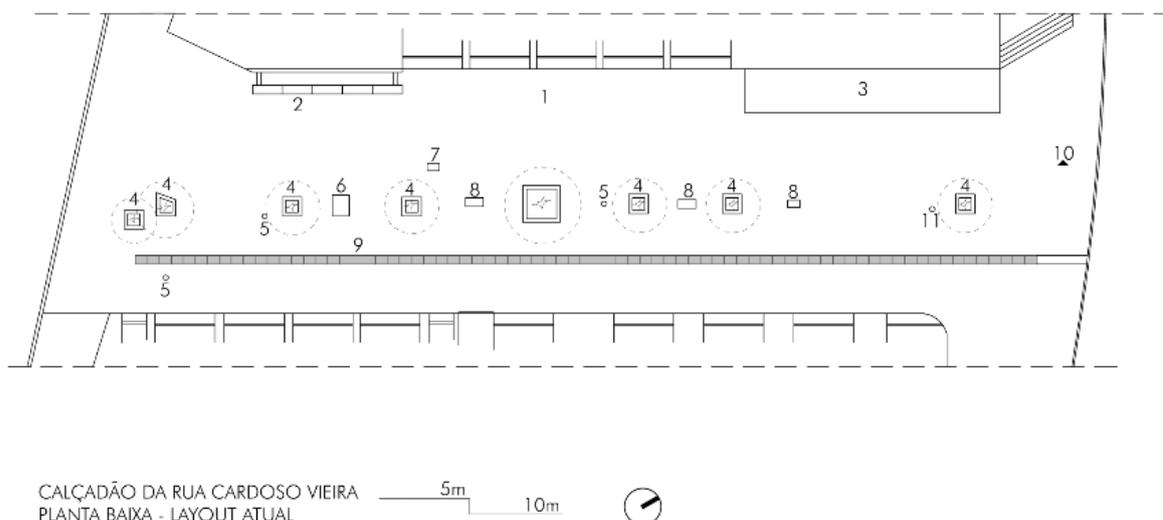


Figura 05 – Estado atual do Calçadão da Cardoso Vieira. Fonte: Dantas (2018)

O Calçadão, como apontam Crispim (2018) e Dantas (2018), está localizado na poligonal sob Proteção Estadual e Municipal, na área classificada como Preservação Rigorosa (APR) (ver fig. 06) que é definida como:

[...] área (ou sítio) delimitada por Decreto Estadual de tombamento e devidamente inscrita em seu Livro de Tombo Estadual, entendida como o bens imóveis com o ambiente natural no qual se inserem. Para o dimensionamento mínimo da APE quando em sítio urbano, deverá ser tomado como referência o conjunto formado por todas as quadras, com todas as suas testadas, que emolduram, cercam a APR. Tal área (de entorno) funciona como espaço de amortecimento, transição e manutenção da ambiência entre a APR e as demais áreas de expansão dos espaços acima relacionados, através da preservação da forma de ocupação, do traçado do sítio (urbano ou rural) e dos bens de significado cultural ainda nela existentes e pela renovação controlada das edificações sem valor cultural para a preservação, de forma a não comprometer a ambiência da APR, notadamente nos aspectos relativos à sua escala e textura de materiais (Del. Nº 0009 apud CRISPIM, 2018, p. 105).





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

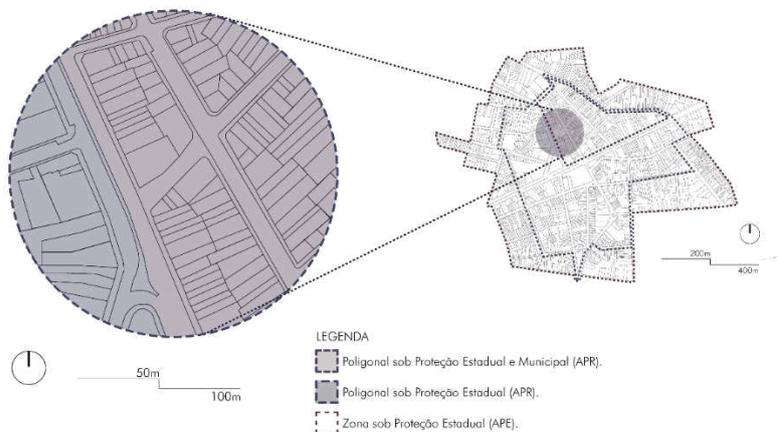


Figura 06: Mapa detalhando os dispositivos legais de proteção no Calçadão da Cardoso Vieira e no seu entorno imediato. Fonte: Dantas (2018).

Mesmo estando dentro da Poligonal de Proteção Rigorosa (APR), é percebido que o nível de conservação do Calçadão atualmente é muito baixo, sendo considerado por Dantas (2018) como o destaque negativo nessa categoria se comparado com o seu entorno imediato. O Calçadão apresenta parte dos seus elementos degradados, o que comprova que os instrumentos urbanísticos de proteção não estão sendo suficientes para a salvaguarda do bem, como pode ser visto nas imagens a seguir.



Figura 07: Mural e base de poste alocados no Calçadão. Fonte: Dantas (2018).

Mesmo apresentando sinais de má conservação, o Calçadão foi e atualmanete ainda é um dos espaços livres mais utilizados pela população campinense (ver fig 08). O





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

que mostra a importância de conservar o local para o mantimento da história não só do



Calçada, mas de toda a cidade de Campina Grande.

Figura 09 – Evolução fotográfica do Calçada da Cardoso Vieira. 1 - Rua Cardoso Vieira antes da implantação do Calçada. Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/> acessado em 25/08/2018 as 11:40; 2 – Calçada da Cardoso Vieira em 1982. Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/> acessado em 25/08/2018 as 12:20; 3 - Calçada da Cardoso Vieira atualmente. Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/> acessado em 25/08/2018 as 12:40 4 – Arquivo Pessoal (2018).

### Conclusão

As diversas reformas urbanas que o Calçada sofreu durante a sua história demonstram o pouco respeito que se tem com o patrimônio urbano campinense, uma vez que é percebido que tais dinâmicas não ocorrem apenas no objeto em estudo. Lima (2018) faz uma análise interessante para o processo histórico da Praça Clementino Procópio também no Centro de Campina Grande.

Em detrimento ao tombamento em conjunto do Centro Histórico pelo IPHAEP em 2003 e ao projeto Campina Déco no final dos anos 1990 – que teve maior enfoque





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

no tratamento das fachadas do conjunto Art Déco como aponta Rossi (2010) –, a história do Calçadão da Rua Cardoso Vieira não é contada a partir de políticas de preservação, mas sim a partir de rupturas históricas, reformas que tentam deslegitimar formas de apropriações que estão em desacordo com o interesse público e o privado.

Entretanto é visto que o que se perdeu de registro históricos de pedra e cal, se mantem na apropriação da população no Calçadão. A organização do Arquivo da SEPLAM foi essencial para a coleta do registro histórico daquilo que já não mais existe, mas é necessário também que existam políticas de conservação para os espaços públicos da cidade, para que as gerações futuras possam ainda utilizá-los.

#### Referências bibliográficas

ALMEIDA, Diogo. **Campina Grande 150 Anos: O Calçadão da Cardoso Vieira**. Retalhos Históricos de Campina Grande [site], 2014. Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com/2014/10/cg-150-anos-o-calcaado-da-cardoso.html#comment-form>> Acesso em: 25 de agosto de 2018.

CARVALHO, Maria Jackeline. **Para além da pedra e cal: discursos e imagens de Campina Grande (1970 a 2001)**. EDUEPB, 2017.

CRISPIM, Breno. **As Boninas e a antiga Firma Oliveira Ferreira & CIA**. Anamnese do Patrimônio Industrial Campinense. Monografia (Graduação em arquitetura e Urbanismo) – UFCG. Campina Grande, 2018.

DANTAS, Hugo Stefano Monteiro. **O Calçadão da Cardoso Vieira: Paisagem (não tão) notável do centro histórico de Campina Grande (PB)**. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2018.

DITTRICH, Maria Glória; REVOREDO, José Cláudio dos Santos; OLIVEIRA Micheline Ramos de; RAMOS, Flávio; GOLEMBIEWSKI, Carlos. O calçadão de Curitiba: sua história como espaço público social da cidade. In. **Revista Brasileira de Tecnologias Sociais**, v.2, n.2, 2015.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

JANUZZI, Denize. **Calçadões:** a revitalização urbana e a valorização das estruturas comerciais em áreas centrais. 2006. 339f Tese (Doutorado – Áreas de Concentração: Estruturas Ambientais Urbanas) – FAUUSP, São Paulo.

LACERDA, Norma; LEITÃO, Lúcia; QUEIROZ, Paulo. Legitimidade espacial: uma discussão sobre amutação e permanência das estruturas espaciais urbanas. In: **EURE**; vol 36, nº 107, p109-122, 2010.

LIMA, Ana Carla de Sousa. **As multifaces da Clementino:** um mergulho nas transformações morfológicas da Praça Clementino Procópio em Campina Grande/PB. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2018.

ROSSI, Lia Mônica. Art Déco Sertanejo: O Batismo. In. **Revista UFG**, v. 12, n.8, 2010.

